

Olá! Bem-vindas e bem-vindos ao Módulo 5, um bônus do nosso curso “Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 Agora e no Futuro”. Eu sou Amanda Rossi, instrutora assistente do curso em português.

Ao longo do curso, especialmente no Módulo 2, nós já tratamos dos conteúdos falsos e enganosos sobre a pandemia, e como enfrentá-los. Mas o assunto é tão importante que vale a pena mergulhar um pouco mais.

Como parte do Módulo 5, nós conversamos com o Dr. Drauzio Varella, um dos médicos com mais credibilidade do Brasil, autor de livros e divulgador de informações sobre saúde na televisão. Também participou da conversa a Mariana Varella, editora-chefe do Portal Drauzio Varella. Nosso tópico principal foram os riscos da desinformação para a saúde individual e para a saúde coletiva.

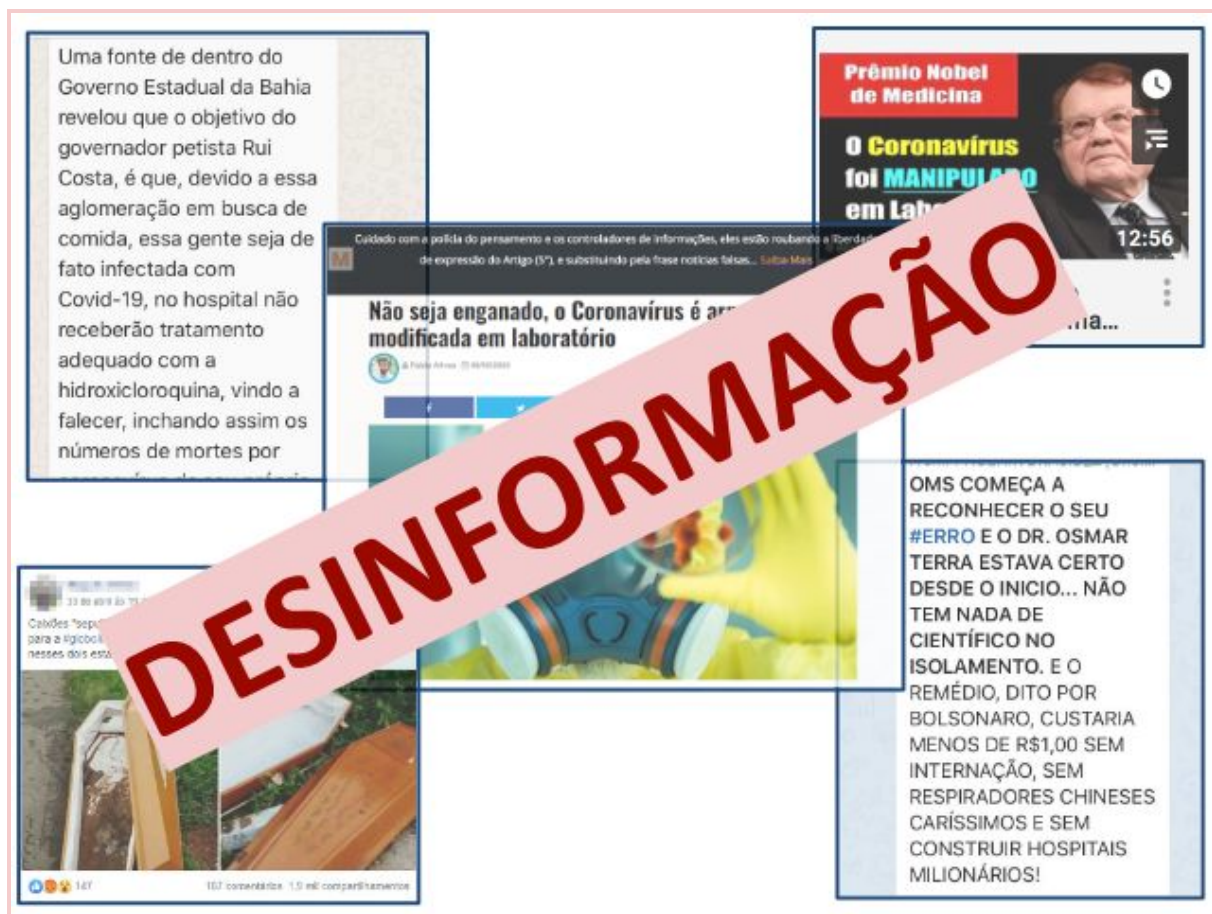
Falamos também com Tai Nalon, que é diretora-executiva e co-fundadora da agência de checagem Aos Fatos, uma das principais do Brasil. Ela compartilhou como tem sido o trabalho de checagem dos conteúdos falsos e enganosos sobre a COVID-19. Por fim, conversamos sobre negação da ciência com Thiago Medaglia, repórter brasileiro especializado em ciência, fellow do Knight Science Journalism Program, do MIT.

Como nós já vimos, a Organização Mundial da Saúde declarou que estamos enfrentando uma infodemia. Um excesso de informações, muitas verdadeiras, muitas falsas, muitas enganosas, tornando difícil distinguir umas das outras.

Para nós, jornalistas, pode ser mais fácil reconhecer uma desinformação, porque já temos os olhos treinados. Sabemos, por exemplo, que temos que desconfiar de informações sem fonte. E que, se tiver uma fonte que não conhecemos, precisamos procurar saber qual é a credibilidade daquela fonte.

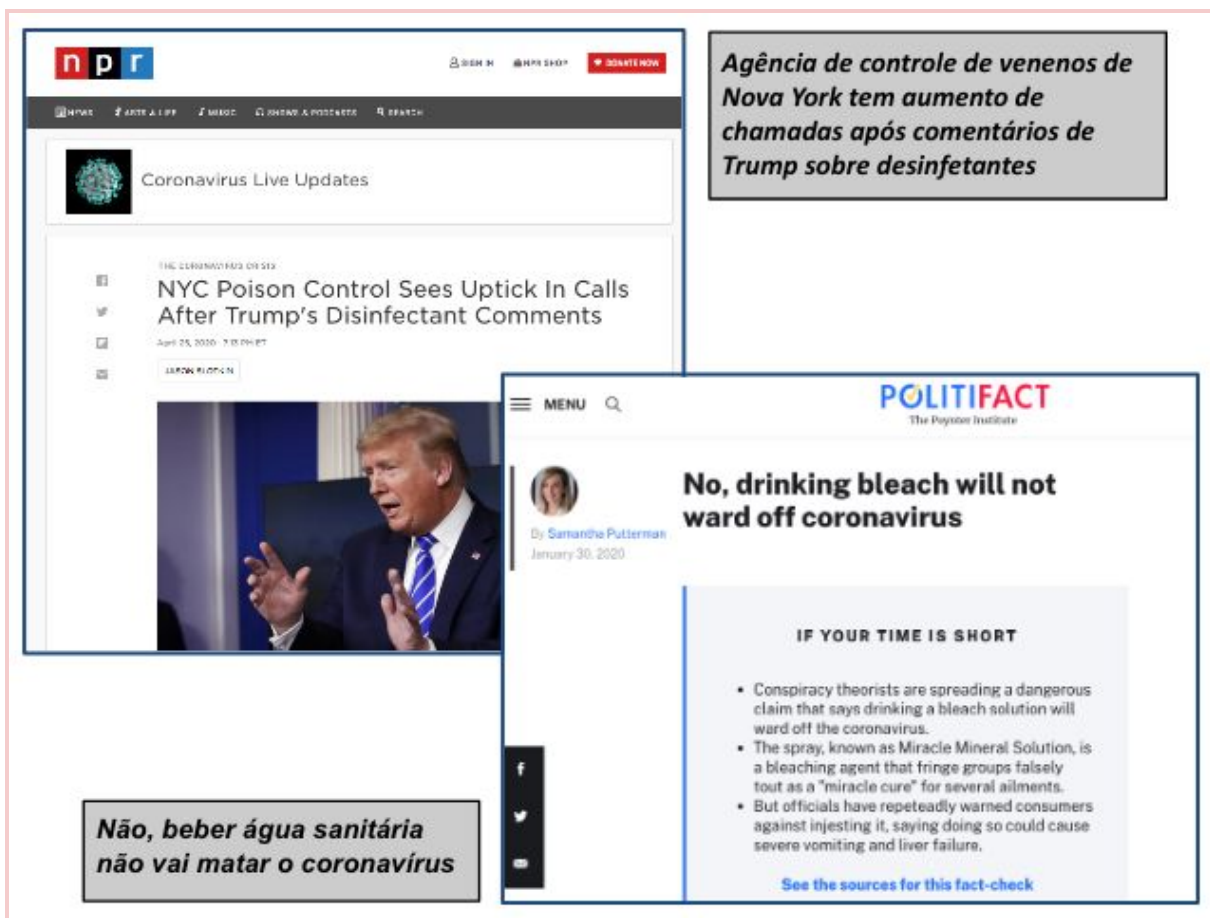
Mas distinguir o que é ou não é desinformação não é uma tarefa fácil para grande parte das pessoas.

A desinformação chega por todos os meios. Alguns conteúdos são enviados pela família, por amigos, com algo que eles pensam ser uma informação. Já outros conteúdos, são criados ou compartilhados com a intenção de enganar, confundir ou promover uma opinião ou uma crença.



A desinformação sobre saúde é muito perigosa, porque representa um risco real para a vida das pessoas. Um risco individual e um risco coletivo. Risco individual porque pode fazer uma pessoa tomar medidas que ou 1) vão colocar a saúde dela em risco, ou 2) não vão surtir efeito algum, mas vão acabar afastando a pessoa de tomar uma solução verdadeira.

Um exemplo recente são as pessoas que ficaram intoxicadas depois de ingerirem produtos de limpeza nos Estados Unidos. Era uma desinformação que vinha circulando na internet e que foi ecoada pelo presidente americano, Donald Trump.



O risco também é coletivo porque muitas das doenças alvo de desinformação são infecciosas, como a COVID-19. Então, se algumas pessoas deixam de tomar as atitudes corretas, elas podem estar ajudando a doença a se espalhar. É isso que acontece quando muita gente deixa água parada, criando o ambiente propício para a reprodução do mosquito da dengue. Também é o que acontece quando muita gente deixa de se vacinar.

O sarampo, por exemplo, é uma das doenças mais contagiosas que nós conhecemos. Em uma população totalmente vulnerável, ou seja, uma população em que ninguém tomou vacina, 1 pessoa com sarampo pode transmitir a doença para outras 13 a 18. É uma taxa de contágio muito alta. Então, pra manter o sarampo sob controle, é preciso que pelo menos 95% da população esteja vacinada. Quando a taxa de vacinação fica abaixo desse patamar, a doença já pode voltar. E foi exatamente isso que aconteceu no Brasil e em muitos outros países nos últimos anos.

A queda da vacinação é atribuída, em parte, à desinformação. No final do ano passado, a organização Avaaz e a Sociedade Brasileira de Imunizações fizeram um estudo sobre desinformação sobre vacinas no Brasil. E descobriram que 7 de cada 10 brasileiros acreditaram em pelo menos 1 declaração imprecisa sobre vacinas.

Além disso, 6 de cada 10 pessoas que não se vacinaram ou não vacinaram uma criança sob seus cuidados apontaram motivos considerados incorretos.



Eu participei desse estudo, fazendo uma investigação sobre quais eram os conteúdos falsos mais compartilhados e de onde eles vinham. Por um lado, a gente encontrou milhares de posts e vídeos anti-vacina no Facebook e no YouTube, que tiveram, juntos, 10 milhões de visualizações ou interações. Por outro lado, a gente encontrou apenas 30 checagens sobre vacinas. Ou seja, até aquele momento, a saúde não era um foco tão frequente das agências de checagem no Brasil.

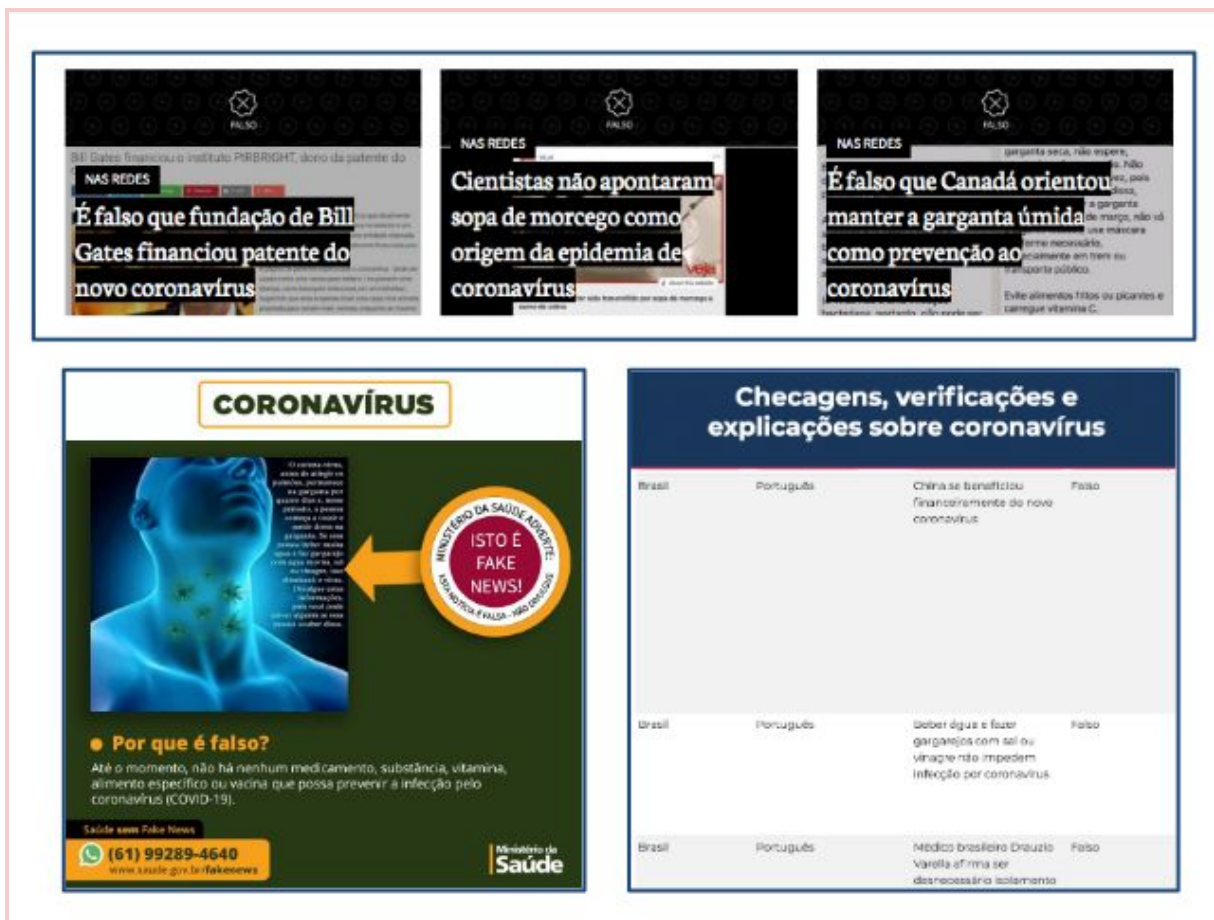
Dentre esses conteúdos desinformativos sobre vacinas, uma parte estava relacionada a “curas naturais”, “curas milagrosas”. Em alguns casos, havia pessoas e grupos ganhando dinheiro com a promoção e a venda dessas mesmas curas. Já outra parte do conteúdo eram teorias da conspiração, muitas delas publicadas primeiro nos Estados Unidos, e depois traduzidas ou adaptadas para o português.

Outra coisa que nós identificamos foi que, naquele momento, não havia um vínculo explícito entre desinformação de saúde e ativismo político-partidário no Brasil. Nós usamos o “Monitor do WhatsApp”, um projeto da Universidade Federal de Minas Gerais com a Universidade de São Paulo, para procurar mensagens falsas sobre

vacina em centenas de grupos de WhatsApp com temática política. E não encontramos quase nada.

Agora, voltando para o coronavírus.

“Curas milagrosas” e “teorias da conspiração”, sem conotação política, também são uma parte importante da desinformação sobre a COVID-19. No início da pandemia, inclusive, esse chegou a ser o principal tipo de desinformação no Brasil e em muitos outros países.



Mas, como a COVID-19 é uma crise de saúde pública de proporções gigantescas, ela exige respostas políticas. Então, não demorou para que a desinformação sobre a COVID-19 enveredasse para a política. Principalmente nos países onde a política já estava muito polarizada, como Brasil e Estados Unidos. Segundo a Tai Nalon, do Aos Fatos, hoje não dá mais para dissociar o que é uma desinformação de política do que é uma desinformação de saúde no Brasil.

Essas imagens, por exemplo, estão entre as mais compartilhadas naqueles mesmo grupos de WhatsApp com temática política de que eu falei antes. Desinformações sobre caixões vazios, sobre atestados de óbito falsos, mortes por outras causas

registradas como COVID... O que a gente percebe é que muitos desses conteúdos tentam passar a impressão de que a pandemia não é tão grave, por isso as medidas de isolamento não fazem sentido, por isso precisamos retomar as atividades econômicas.

The screenshot shows the 'WhatsApp Monitor' interface. At the top, there are navigation links: 'Facebook Ads Monitor', 'Audiência dos Políticos', 'Notícias Lado a Lado', and 'Bot ou Humano?'. The main heading is 'WhatsApp Monitor'. Below this, there are four panels, each displaying a WhatsApp post and its engagement statistics:

- Top Left Panel:** Post text: 'Já vi mulher forte! Mas assim tá com a molesta'. Below it, a photo of a person in a blue protective suit. Another text: 'Carregar um caixão com um morto dentro só com as pontas dos dedos'. Engagement: Total: 304, Groups: 80, Users: 92.
- Top Right Panel:** Post text: 'Tuberculose tirou férias', 'Pneumonia tirou férias', 'Infarto tirou férias', 'Assalto tirou férias', 'Assalto das FÉRIAS'. Below it, text: 'MORRE POR DE CORONA GOLPE VÍRUS ACORDA BRASIL ESCRAVO'. Engagement: Total: 91, Groups: 60, Users: 76.
- Bottom Left Panel:** Post text: 'Geram pânico, Fraudam Atestados de Óbito, Quebram a Economia, Soltam Bandidos, Escondem Curas. Qual a Intenção de Tudo Isso?'. Engagement: Total: 43, Groups: 38, Users: 25.
- Bottom Right Panel:** Post image: A photograph of an open wooden coffin. Engagement: Total: 27, Groups: 22, Users: 23.

A large, diagonal red stamp with the word 'DESINFORMAÇÃO' is overlaid across the center of the screenshot.

Bem, nós vimos que a taxa de vacinação necessária para conter o sarampo é de 95% da população, certo? Já o coronavírus é menos contagioso que o sarampo: 1 pessoa pode transmitir a doença para outras 2 ou 3, em média. Então, para conter uma doença com esse nível de contágio, seria preciso que entre 60% e 70% da população fosse vacinada.

Mas ainda não temos vacina. Então, é preciso tomar medidas que simulem esse efeito de ter entre 60% a 70% da população vacinada. Já que não dá para impedir que o vírus deixe as pessoas doentes, a ideia é impedir que o vírus tenha contato com as pessoas. Para isso, as ferramentas que conhecemos são testagem, rastreamento de contatos e isolamento social.

É inegável que o isolamento social gera problemas socioeconômicos. Nós tratamos disso no Módulo 4. Por isso, é importante pensar como estruturar o isolamento de modo que ele surta efeitos positivos na saúde e, ao mesmo tempo, gere o mínimo

possível de impactos socioeconômicos. Por exemplo, qual o melhor momento de entrar no isolamento? de sair do isolamento? como fazer o isolamento? Como usar a testagem e o rastreamento de contatos para evitar que os casos cresçam tanto a ponto do isolamento ser necessário? A ciência está aí para ajudar a responder a essas perguntas.

Mas, como explica o Dr. Drauzio Varella, é muito ruim que a pandemia tenha sido politizada e que as ações necessárias para contê-la sejam defendidas e até adotadas de acordo com a opinião política: quem votou em um candidato é contra o isolamento; quem votou em outro é a favor. Imagine algo assim no combate à dengue: quem é de direita é a favor de NÃO deixar água parada, quem é de esquerda o contrário? Quem prefere o partido A não toma vacina, quem prefere o partido B toma? Não faz sentido.

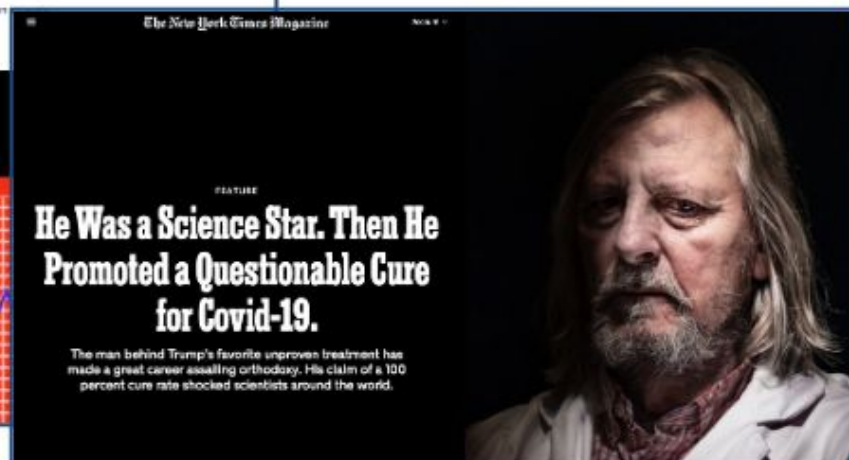
Um segundo ramo de desinformação que mistura saúde e política é a defesa de uma solução médica instantânea, que permita reabrir a economia imediatamente. No Brasil, esse espaço tem sido ocupado pela hidroxicloroquina.

Como já falamos nos outros módulos, ainda há muitas incertezas em relação ao coronavírus, um vírus que só conhecemos desde janeiro. Por isso, a produção de conhecimento está em curso. Todos os dias, dezenas de estudos são publicados, revisados e corrigidos.

Essa mistura de 1) incerteza, com 2) urgência para termos novas informações, com 3) excesso de pesquisas feitas a toque de caixa - favorece que alguns desses estudos sejam pinçados e usados para comprovar teses políticas.

Entre as leituras sugeridas do Módulo 5, há um texto que mostra como uma pesquisa contestada foi usada para defender que o coronavírus era pouco mortal - e, por isso, não deveria haver isolamento social. Além disso, como nós já vimos no Módulo 4, um estudo francês, também bastante contestado, levou Trump e depois Jair Bolsonaro a defenderem a hidroxicloroquina. Em seguida, outros políticos e apoiadores desses presidentes abraçaram a defesa do medicamento.

Um estudo disse que a COVID não era tão mortal. A direita se apoderou dele.



Ele era um astro da ciência. Então, promoveu uma cura questionável para COVID-19.

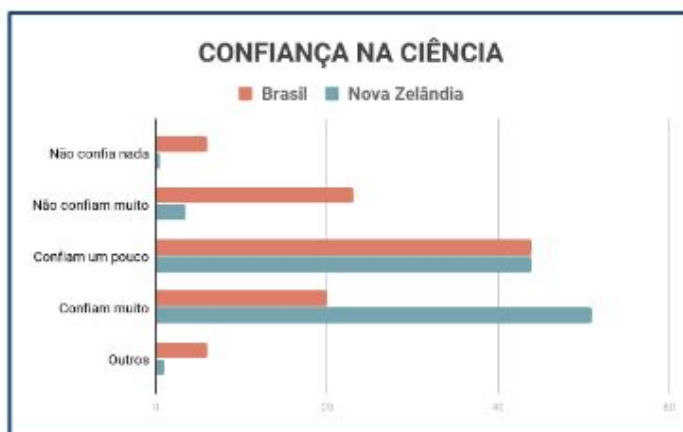
A agência de checagem Aos Fatos fez uma pesquisa sobre esse assunto. Levantou os tuítes sobre cloroquina ou hidroxicloroquina que tiveram mais engajamento em parte do mês de abril. E descobriu que 1 de cada 3 tuítes reproduzia alguma informação falsa ou distorcida. E mais: praticamente todos esses tuítes desinformativos, 97%, eram favoráveis ao uso do medicamento.

O Aos Fatos descobriu também que políticos com cargo estavam entre os perfis que mais geraram engajamento com desinformação favorável à cloroquina. Segundo a Tai Nalon, do Aos Fatos, isso mostra que a desinformação não é apenas oculta, feita por perfis fakes, por robôs. Na verdade, a desinformação ganha tração quando promovida pelas autoridades.

A desinformação sobre a COVID-19 também está inserida em um contexto mais amplo, de descrença e negação da ciência. Basta ver os grupos que defendem que 1) a terra é plana, 2) os grupos anti-vacina, e 3) os grupos que negam os efeitos da atividade humana na mudança climática. Em relação a esses 3 temas que eu acabei de citar, não existe incerteza científica. Pelo contrário, são temas estudados há muito tempo e sobre os quais já existe um consenso científico. 1) A terra não é plana, 2) as vacinas funcionam e salvam milhões de vidas todos os anos, e 3) a

humanidade está contribuindo sim para a alteração do clima do planeta. Mesmo assim, há pessoas que não acreditam.

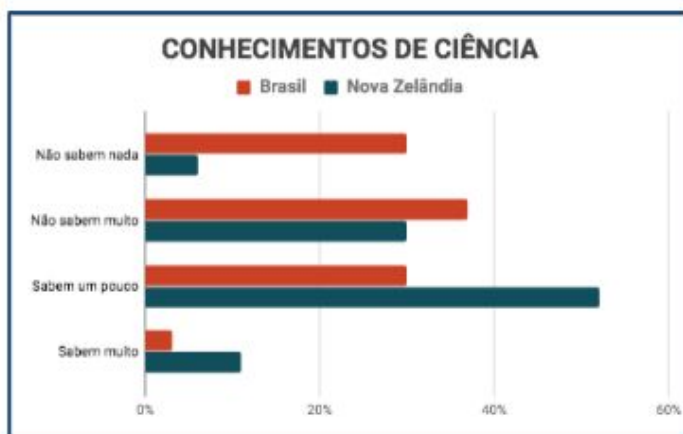
Uma pesquisa chamada "Welcome Global Monitor", feita com 140 mil pessoas, de 144 países, e lançada no ano passado, mostrou que 29% dos brasileiros não confiam muito ou não confiam nada na ciência. Já na Nova Zelândia, um país que está conseguindo conter o coronavírus, só 4% não confiam muito ou não confiam nada na ciência. Além disso, no Brasil, 30% dizem que não sabem nada de ciência. Na Nova Zelândia, são apenas 6%.



Não confia muito ou não confia nada na ciência:

- 29% dos brasileiros
- 24% dos moçambicanos
- 11% dos portugueses

**outros países de língua portuguesa não foram pesquisados*



Não sabem muito ou não sabem nada de ciência:

- 67% dos brasileiros
- 58% dos moçambicanos
- 44% dos portugueses

**outros países de língua portuguesa não foram pesquisados*

A desconfiança e a falta de informação sobre ciência são terreno fértil para a desinformação sobre saúde. O Thiago Medaglia explicou mais sobre isso no vídeo que fizemos com ele, e deu dicas preciosas do que podemos fazer como jornalistas.

O astrônomo Carl Sagan foi um dos maiores comunicadores de ciência que já existiu. Você já deve ter ouvido falar dele por causa da série Cosmos, que foi regravaada pela Netflix. Décadas atrás, o Carl Sagan já alertava sobre os perigos da desconfiança na ciência e defendia a importância de comunicar e educar sobre ciência. Esse vídeo que vamos ver agora é de 1997:

<https://youtu.be/U8HEwO-2L4w?t=202>

3'26" - 4'27"

“Há dois tipos de perigos. Um deles é que organizamos a sociedade com base em ciência e tecnologia, mas ninguém entende nada sobre ciência e tecnologia. E essa mistura explosiva de ignorância e poder, mais cedo ou mais tarde, vai explodir nas nossas caras. Quem está controlando a ciência e a tecnologia em uma democracia, se ninguém entende nada sobre isso? E a segunda razão que me preocupa é que a ciência é mais do que um monte de conhecimento. É uma forma de pensar. É uma forma de ceticamente interrogar o Universo, com uma boa compreensão da falibilidade humana. Se nós não somos capazes de fazer perguntas céticas, de questionar aqueles que nos dizem que algo é verdade, de ser cético em relação às autoridades, então ficamos na mão do próximo charlatão político ou religioso que aparecer”

Enfim, não são poucos os desafios para combater a desinformação sobre a COVID-19. Mas nós, jornalistas, fazemos parte da solução, produzindo conteúdo de boa qualidade e desmentindo os conteúdos falsos ou enganosos.

Nas leituras do Módulo 5, você vai encontrar dicas para desbancar desinformação. Entre elas, 1) como fazer busca reversa de imagens e 2) buscar opiniões de pesquisadores não envolvidos no estudo, já que sabemos que nem todas as pesquisas são criteriosas. Também nas leituras você vai encontrar um texto com 12 dicas de como escrever sobre a COVID-19 de forma mais compreensiva.

Saiba que, nessa batalha contra a desinformação, nós não estamos sozinhos. Primeiro, podemos contar uns com os outros, como já estamos fazendo nos fóruns deste curso. Também podemos contar com as centenas de checagens sobre a COVID-19 já feitas por diversas agências especializadas, em português. O Aos Fatos tem até robô no WhatsApp para enviar as checagens sobre coronavírus a partir de palavras-chave.

Há ainda redes de informação criadas para ajudar os jornalistas. A Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência está no WhatsApp, com listas de transmissão para divulgar informações confiáveis. Você também pode assinar newsletters de instituições e universidades que divulgam a ciência que está sendo produzida sobre a COVID-19. Na nossa pasta do Módulo 5, eu vou deixar uma lista de links e sugestões para vocês acompanharem.

A mensagem principal é essa: acredite no jornalismo, acredite na ciência. E faça um bom jornalismo, baseado na boa ciência. Essa é a melhor forma de ajudarmos a sociedade a enfrentar a infodemia. E, de tabela, a enfrentar a pandemia.